



Revista Internacional de Folkcomunicação

ISSN: 1807-4960

revistafolkcom@uepg.br

Universidade Estadual de Ponta Grossa
Brasil

Novaes, Maris Stella Schiavo; Silva, Rita de Cássia Maia da; Novaes, Marco Aurélio Schiavo
Terno de reis e Tropeirismo: Processos folkcomunicacionais entre brilhos e cargas culturais
Revista Internacional de Folkcomunicação, vol. 17, núm. 39, 2019, Julio-, pp. 91-105
Universidade Estadual de Ponta Grossa
Ponta Grossa, Brasil

DOI: <https://doi.org/10.5212/RIF.v.17.i39.0006>

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=631766515007>

- [Cómo citar el artículo](#)
- [Número completo](#)
- [Más información del artículo](#)
- [Página de la revista en redalyc.org](#)



Sistema de Información Científica Redalyc

Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal
Proyecto académico sin fines de lucro, desarrollado bajo la iniciativa de acceso
abierto

Ternos de Reis e Tropeirismo: Processos folkcomunacionais entre brilhos e cargas culturais

Maris Stella Schiavo Novaes¹

Rita de Cássia Maia da Silva²

Marco Aurélio Schiavo Novaes³

Submetido em: 21/09/2019

Aceito em: 19/10/2019

RESUMO

Em Vitória da Conquista, grupos de Ternos de Reis originados de antigos tropeiros e corais religiosos são atrações que se apresentam no projeto *Natal da Cidade*. Compreendido como um fluxo de comunicação massiva, o evento difunde e retroalimenta um sistema de memória e conflitos identitários dentro do calendário de tradição religiosa ancorada no cerne das festividades locais. Este artigo apresenta resultados da pesquisa que analisou as conjunturas e intermediações dos Ternos de Reis, do Tropeirismo e dos corais em suas relações de sociabilidade e de representatividade dentro da cadeia midiática da festa. Adotou-se uma metodologia interdisciplinar que priorizou o trabalho etnográfico de campo. Ao final de todo o processo, concluiu-se que há desigual relação de forças entre as atrações apresentadas, cuja desigualdade se evidencia como proveniente do processo histórico, ampliado pelo modelo de espetacularização e de representação social.

PALAVRAS-CHAVE

Folkcomunicação; Memória; Projeto Natal da Cidade; Terno de Reis; Tropeirismo.

¹ Integrante do Grupo de Estudos sobre Cibermuseus/Núcleo de Pesquisa sobre os Ex-Votos– GREC/NPE e do Núcleo de Estudos em Comunicação, Culturas e Sociedades – NECCSOS/UESB, mestranda em Museologia na Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: marestelares@gmail.com.

² Professora Adjunto I da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Chefe do Departamento de Museologia. E-mail: proritamaia@gmail.com.

³ Doutor em Zootecnia pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Bolsista DCR Funcap/CNPq da Faculdade de Veterinária, na Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: marcoaurelioschiavo@gmail.com.

Ternos de Reis and Tropeirismo: Folkcommunication processes between brightness and cultural loads

ABSTRACT

In Vitória da Conquista, groups of *Terno de Reis* from ancient *tropeiros* and religious choirs perform in the *Natal da Cidade* project. Understood as a flow of massive communication, the event diffuses and feeds back a system of memory and identity conflicts within the calendar of religious tradition anchored at the heart of local festivities. This article presents results of research that analyzed the conjunctures and intermediations of *Ternos de Reis*, *Tropeirismo*, and choirs in their relations of sociability and representativeness within the media chain of the party. An interdisciplinary methodology was adopted that prioritized the ethnographic fieldwork. At the end of the whole process, it was concluded that there is an unequal force relation between the presented attractions, whose inequality is evidenced as coming from the historical process, amplified by the model of spectacularization and social representation.

KEYWORDS

Folkcommunication; Memory; Natal da Cidade Project; Terno de Reis; Tropeirismo.

Terno de Reis y Tropeirismo: Procesos de folkcomunicación entre brillo y cargas culturales

RESUMEN

En Vitória da Conquista, grupos de *Ternos de Reis* de antiguos *tropeiros* y coros religiosos son atracciones que se presentan en el proyecto *Natal da Cidade*. Entendido como un flujo de comunicación masiva, el evento difunde y retroalimenta un sistema de conflictos de memoria e identidad dentro del calendario de la tradición religiosa anclada en el corazón de las festividades locales. Este artículo presenta resultados de investigaciones que analizaron las coyunturas y intermediaciones de *Ternos de Reis*, *Tropeirismo* y coros en sus relaciones de sociabilidad y representatividad dentro de la cadena mediática del partido. Se adoptó una metodología interdisciplinaria que priorizó el trabajo de campo etnográfico. Al final de todo el proceso, se concluyó que existe una relación de fuerza desigual entre las atracciones presentadas, cuya desigualdad se evidencia como proveniente del proceso histórico, amplificado por el modelo de espectacularización y representación social.

PALABRAS CLAVE

Folkcomunicación cinética; Memoria; Proyecto Natal da Cidade; Terno de Reis; Tropeirismo.

Introdução

Apresentamos, nesta oportunidade, os resultados da observação realizada sobre a conjuntura de encontro das atrações dos Ternos de Reis, dos corais religiosos e de outras manifestações culturais e suas relações de sociabilidade na cadeia midiática e de representação social dentro do evento *Natal da Cidade*, realizado em Vitória da Conquista-BA. Visamos, neste artigo, o conflito de visibilidade observado entre reiseiros e grupos de canto coral religiosos no cenário da cadeia midiática da festa promovida pela prefeitura. Se observado como forma de espetacularização da cultura (TRIGUEIRO, 2005), o evento difunde e retroalimenta um sistema de memória e identidade local, subvencionado pela ideia econômica de desenvolvimento, porém ancorado nas dimensões simbólicas das tradições históricas da cidade.

Segundo Luiz Beltrão, fundador da teoria da Folkcomunicação, as festas religiosas urbanas “são grandes concentrações de povo em honra de um santo (católicas), de um orixá (umbanda-candomblé) ou participação em uma experiência mística extraordinária [...]” (BELTRÃO, 1980, p. 61). No caso do evento analisado neste artigo, originária de um calendário litúrgico, a festa natalina tem uma caracterização muito mais profana e cada vez mais espetacularizada, agregando diversas outras possibilidades de entretenimento, para além da finalidade religiosa, e sendo apropriada enquanto cultura de consumo de massa. Como festa religiosa urbana, no que se refere à presença dos reiseiros e corais religiosos dentro do evento, as mediações entre os agentes despertou nosso interesse de observação e análise.

A pesquisa teve por base a observação exploratória de processos, práticos e comportamentais, dos fenômenos e atores envolvidos. Adotou-se como abordagem metodológica o trabalho etnográfico e de investigação de agentes folkcomunicacionais do gênero cinético, conceituados como sendo o: “conjunto de manifestações simbólicas determinadas pela combinação do canal e da audiência”, de formato *Folguedo*, que utiliza “múltiplos canais/ códigos gestual/plástico” (MELO, 2008, p.90-91).

Ternos de Reis e Tropeirismo, como elementos da cultura popular e do folclore, apesar de inter cruzados, se estabelecem enquanto fenômenos culturais que atuam de modo distinto. Ambos os fenômenos, entretanto, aparecem no imaginário e memória populares, sendo expressos com maior clareza em manifestações como o evento *Natal da Cidade*. Somados a estes agentes da cultura popular no evento, os corais religiosos se apresentam enquanto representação de origem sacra, muitas vezes com maior visibilidade e aceitação popular.

Porém, pela clara distinção que se faz na lógica de senso comum de memória culturalmente construída, quanto pelo entendimento que se tem sobre os corais de igreja (BRAGA, 1961), quanto pelo ordenamento jurídico de códigos municipais ao longo de todo o processo histórico local (AGUIAR, 2007), a conceituação acima de cultura popular e folclore não se aplicam aos corais religiosos que se apresentam no *Natal da Cidade*.

O percurso que envolve processos de educação musical, identificando o canto coral como grupos de louvor e ministério gospel e compreendendo as manifestações culturais populares enquanto representações de menor importância, desenvolvidas por pessoas sem formação musical, tem uma tradição que remonta ao período escravista e à tentativa de controle social, político e religioso, época que “quaisquer manifestações de sambas, batuques, rezas, dentre outras eram proibidas, ficando seus praticantes sujeitos às multas e prisões” (AGUIAR, 2007, p.84).

O tratamento aos quais são submetidos os grupos e cantadores de reis, quando comparados com os corais religiosos, aparenta o “divórcio” de que fala Carneiro (apud BELTRÃO, 1971, p. 46-47) entre a elite e a base populacional marginalizada. Esta marginalização, demonstrada nas expressões culturais dos reiseiros, foram manifestas em oscilações que transitaram entre respeito e admiração e tolerância e desprezo, tanto pela organização quanto pela comunicação oficial da Prefeitura Municipal sobre o evento².

Na execução dos procedimentos para coleta de dados, realizou-se uma parceria entre a ONG Carreiro de Tropa (Catrop) e o Instituto de Educação Euclides Dantas (IEED). A partir desses meios, foram coletadas entrevistas, elaborados registros audiovisuais, formado acervo iconográfico e alimentado um banco de dados, cujo resultado final foi sistematizado como acervo da Catrop. Parte do acervo supracitado constitui fundamentação para apresentação neste artigo.

Figura 1 – Equipe Catrop, IEED

² CF. PMVC. **Corais de Vitória da Conquista encantam visitantes no Memorial do Reisado**. Disponível em: <https://www.pmvc.ba.gov.br/corais-de-vitoria-da-conquista-encantam-visitantes-no-memorial-do-reisado/>. Acesso em 28/10/2019.



Fonte: ONG Carreiro de Tropa- Catrop

Tropeirismo e Ternos de Reis na história de Vitória da Conquista

Por volta de 1756, o português João Gonçalves da Costa, conquista o Sertão da Ressaca, antiga identificação da região onde se localiza a cidade de Vitória da Conquista. Nos primórdios da povoação que deu origem à cidade, tropeiros eram condutores de carga em pé, gado. Posteriormente, ao longo de muitas décadas, somam-se às tropas de gado, mulas e burros, utilizados como animais cargueiros no transporte de mercadorias adquiridas nas capitais, portos e estações de trem. Desde a chegada do conquistador, o Tropeirismo tem grande importância como elemento agregador de ocupação, povoamento e de desenvolvimento deste território.

Segundo Itamar Aguiar (1977), como metáfora de encontros e desencontros, o município tem por marca identitária o entroncamento, o trânsito e a encruzilhada. O critério privilegiado da localidade geográfica configurou este território com variadas rotas “por onde passavam boiadas e tropas vindas da região do Rio São Francisco” (AGUIAR, 1997, p. 33), surgindo daí um amálgama do encontro de etnias. Ocorrências que aqui deixaram rastros de cultura que ainda são presentes na sociedade. A partir do contexto metafórico do autor, podemos compreender que desse cenário decorreu uma miscigenação biológica e cultural que promoveu um fundo coletivo de memória, expressivo em manifestações religiosas e artesanias populares, que ocorrem em igrejas católicas, templos de origem protestante,

terreiros de candomblé e umbanda, feiras e praças públicas. Estas práticas se construíram em cosmologias que interligam o passado ao presente.

Assim como seu deu com todo o contexto histórico brasileiro, a sociedade conquistense também se organizou essencialmente em um modelo escravocrata, branco-patriarcal, onde a cultura das camadas dominantes locais procurava seguir os padrões europeus. Assim, tanto quanto possível, visavam impedir ou invisibilizar a hibridação e influências das culturas nativas ou africanas. Contudo, sem a pretensão de se criar uma sociedade igualitária, alguns elementos da cultura de elite foram impostos, tolerados ou assimilados pelos segmentos populares, negros, índios, caboclos, e difundidos pelo Tropeirismo, conforme ocorreu com a língua portuguesa, com o catolicismo e com as igrejas protestantes, por exemplo, assim como demais tradições advindas da Europa.

O memorialista Mozart Tanajura (1978, p.185) em sua crônica conquistense, refere-se aos grupos de Ternos de Reis, e muito especificamente, ao Reis de Boi, ao concluir que era “muito popular e concorrido, divertiu a população até a década de 1940, quando a cidade começou a crescer e passou a ter vergonha de suas tradições populares” e do transporte feito pelos tropeiros. Aguiar reitera a afirmativa de Tanajura e complementa:

vale destacar que existem registros de fenômenos culturais, entendidos como “Folclore ou tradições populares”, tais como: Ternos de Reis, Reis da Mulinha, Reis do Bumba meu boi, presépios, Zé Pereira, ladainhas, penitências, testamento de Judas, ABC, abóios, toadas, tiranas, festas em louvor a Santo Antônio, São João e São Pedro, cantorias, samba de roda e outras. (AGUIAR, 1997, p. 80).

Figura 2 – Terno de Reis São José da Paz em apresentação no palco do Natal da Cidade



Fonte: ONG Carreiro de Tropa- Catrop

Ao longo do século XX, o Tropeirismo foi superado como sistema de transporte e de comunicação. E os Ternos de Reis, preteridos pela concorrência tecnológica de difusão da indústria do entretenimento, quase desapareceram da cultura local. O enfrentamento de medidas contra a extinção total e valorização dos ternos se evidenciava como preocupação nos debates intelectuais que se faziam em favor da cultura da cidade, que por décadas exigiam uma política pública de atenção aos grupos que ainda resistiam.

É o que sinaliza Ruy Medeiros em artigo publicado no jornal O Fifó em 1977: “O reisado é um componente da cultura popular conquistense que, apesar de reunir condições de sobrevivência, vive na adversidade, como os próprios grupos que o promovem”. Porém, pelo potencial folclórico agregado, somente em 1997, os folguedos foram resgatados dentro de uma lógica de fomento às políticas públicas de promoção cultural e “como elemento de atrativo turístico municipal”. Todavia, agregado por uma lógica desenvolvimentista e de espetacularização da cultura popular.

Para o secretário de turismo Gidelson Felício, os critérios de atrativos turísticos foram determinantes para a incorporação dos Ternos às festividades e comemorações do Ciclo Natalino realizado pela Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista. “A presença deles atrai gente. Vem familiares de outras cidades e até de outros estados. Todo ano a festa cresce e mais grupos se interessam em participar”, concluiu Felício.

Entretanto, o que o secretário não considerou ser necessário levar em conta que a cultura local também se faz por práticas culturais de classificações, divisões, delimitações, imposições e representações, que estabeleceram estratificações que ainda perduram, ressignificadas em conflitos simbólicos que se estabelecem, se afirmam ou são negados na sociedade mediante critérios classistas. Se efetivam como a identificar a cisão entre “dois brasis”, conforme expressão de Jacques Lambert utilizada por Beltrão (1980).

Afeitos à ideia de que o Brasil nunca superou a dicotomia colônia/metrópole, os autores consideram que se processou no país um desenvolvimento desigual nos aspectos econômicos e sociais, cujos efeitos se manifestam em outras dicotomias que derivam da inicialmente apresentada, como urbano/rural, moderno/arcaico, expressas na visão do brasileiro sobre si e sobre sua pluralidade identitária. Compreendemos que essas desigualdades, dentro do evento analisado, se apresentaram em relação às manifestações culturais que reclamaram visibilidade e legitimidade dentro da festa.

Ternos de Reis: tipos folkcomunicacionais que se reinventam

O Terno de Reis, também conhecido por Reisado, Folia de Reis ou Festa dos Santos Reis é um festejo de origem portuguesa ligado às comemorações do culto católico do Natal que se encerram no dia 06 de janeiro. Suas manifestações estão situadas nos tênues limites que se organizam através das celebrações que usam rituais sagrados e profanos. Segundo Moraes Filho (2002, p. 57), em Portugal, ainda na Idade Média, cortejos de foliões que saíam cantando e dançando pelas ruas ficaram conhecidos como “Janeiras”, “Autos pastoris” ou Cheganças” e se tornaram conhecidos na colônia brasileira como folguedos, brincantes, folias, ternos.

Trazido para o Brasil ainda nos primórdios da colonização, ao longo da implantação do lento processo de formação da nossa identidade cultural, os ternos aqui receberam influências indígenas e africanas, “do modo por que eles contribuíram e se consubstanciam; do caldeamento estético que dá o colorido local a costumes que se foram modificando desde a colônia, ressalta o encantamento etnológico, a feição nacional” (Idem, 2002, p.68). Dessa forma, mantiveram a característica de que os participantes desse folguedo se organizem em grupos, percorram um roteiro de visita às casas de devotos, aos presépios e igrejas e se incorporaram como práticas do catolicismo popular (HOORNAERT, 1974), ao rol de costumes

herdados dos colonizadores e ressignificados por força da miscigenação e hibridez cultural ou como fenômeno folkcomunicação dos marginalizados (BELTRÃO, 1980).

Figura 3: Terno De Reis: Santos Reis é Brasileiro em apresentação no Memorial do Reisado



Fonte: ONG Carreiro de Tropa- Catrop

Nos grupos ou bandeiras organizadas por antigos tropeiros e mantido por descendentes, originalmente alguns grupos motivados por propósitos sociais e religiosos, os homens se vestem em trajes ricamente adornados, enfeitados com muitas cores, fitas, penas, flores, espelhos e brilhos, carregam estandartes como abre-alas em suas caminhadas e lapinhas com imagens de santos ou do menino Jesus, seguido por músicos, cantadores, dançarinos e pelo público que atende à animação. As vestimentas femininas e infantis seguem o mesmo padrão multicolorido e de brilho intenso. Algumas mulheres usam coroas e adereços de cabelos em substituição aos chapéus. As crianças carregam lapinhas, estandartes e algumas se apresentam com instrumentos fabricados para elas.

Nos grupos participantes deste estudo, observamos uma composição básica com média de 5 a 12 componentes entre o total de brincantes em cada folguedo. Musicistas tocando instrumentos, em sua maioria de confecção caseira e artesanal, como tambores, reco-reco, flauta de pífano, chocalhos, pandeiro e rabeca (espécie de violino rústico), além da

tradicional viola caipira e do acordeão, também conhecida em certas regiões como sanfona, gaita ou pé-de-bode, animam os demais foliões. Todos se organizam sob a liderança do Mestre ou Mestrina do terno e seguem com reverência os passos da bandeira, cumprindo rituais tradicionais de inquestionável beleza e riqueza cultural.

De origens fundamentalmente rural e agrária, quando a partir da década de 40 do século XX, o Brasil se tornou urbano, populações inteiras deixaram os campos em busca de oportunidades de emprego e melhores condições de sobrevivência e ocuparam as periferias das cidades. Com a adoção de valores e práticas da vida moderna e em consequências da urbanidade, os ternos reconfiguraram suas tradições e se afluíram numa cultura mista entre campo/cidade e reinventaram suas tradições.

A iniciativa governamental de elencar as apresentações dos Ternos de Reis na programação oficial de Natal promoveu a valorização da cultura popular na cidade, auxiliou na garantia de que esse patrimônio histórico seja reconhecido e favoreceu para que a herança de antigos conquistenses não sejam apagadas e possam ser celebradas pelas novas gerações. Contudo, na estrutura social vigente, não sem razão, os reiseiros se sentem desprestigiados, tratados como figuras exóticas e não raro protestam e protestam pela forma com que são tratados pela máquina pública que organiza a festa.

No âmbito da construção das identidades sociais do povo conquistense, buscamos nas narrativas orais, os “sintomas de uma coerência cultural” (BRAUDEL, 1976, p. 209) no espaço/tempo da história identificar uma trajetória relacional entre os fenômenos, Terno de Reis e o Tropeirismo. Semelhantemente ao que ocorreu com a Folia de Reis, o Tropeirismo é também um fenômeno sociohistórico e cultural que remonta às origens que se limitam da chegada do colonizador ao povoamento desta região. Nesses limites, portanto, não é absurdo considerar que em algum momento do tempo histórico, ambos os fenômenos tenham se encontrado e possuam profundas inferências entre si.

Durante as apresentações ou caminhadas, os reiseiros tocam, cantam e dançam em louvor ao nascimento de Jesus. O mestre ou a mestrina responsável pelo grupo sempre enfatiza ser esta a razão maior da manutenção do festejo. Há também razões que se justificam por promessas e graças alcançadas. Desta forma, trata-se de um patrimônio de cultura material e imaterial a ser preservado, confirmando o que disse Ruy Medeiros no jornal O Fifó (1977):

O reisado representa exemplo digno de nota de transmissibilidade cultural em seus dois aspectos: vertical e horizontal, ou seja, a transmissibilidade através de gerações e a transmissibilidade de um lugar para outro. Não só exemplo de transmissibilidade, mas também de sobrevivência e de fusão culturais. Sobrevivência, porque as origens do reisado estão na Idade Média da Península Ibérica, possivelmente. Fusão porque, hoje, alguns ternos apresentam dados de culturas (portuguesa, negra e indígena).

Durante o levantamento e etapas de investigação, constatamos que 18 grupos foram selecionados para participar do evento da prefeitura. Deste universo, para execução desta pesquisa, foram entrevistados 12 grupos, totalizando 65 pessoas, sendo 58 homens e 07 mulheres. Os grupos constituem agrupamentos étnico-raciais com presunção de ancestralidade, diz o reiseiro Vivaldo: “há mais ou menos 28 anos que sigo esta tradição, só neste Terno que meu pai iniciou. E ele já aprendeu com o pai e os avós dele. A raiz vai longe, vai bater lá nos tempos do povo escravo e de quando eles eram tropeiros por aqui”.

Tropeirismo, entre os brilhos e cargas culturais na Folia de Reis

Sendo a origem de muitos grupos a época em que o Tropeirismo era nesta região o principal sistema de transporte de mercadorias na promoção da ligação campo/cidade, entre os casos encontrados, apresentamos o relato do mestre do terno São José da Paz, Manoelito Machado dos Santos, filho de Emídio Machado dos Santos: “meu pai foi tropeiro na Fazenda Baixão e fazia rotas entre Sobrinho, Pradoso, Retiro Malhada, Mocó, Baixão e Saguim. Levava tropa e saía cantando Reis. No tempo dos mais velhos era diferente, tocava até o amanhecer o dia”. Manoelito repete diversas vezes em seu depoimento as diferenças entre as cantorias feitas em sua infância como sendo mais bonitas, as “pessoas mais generosas, abriam as casas sem os medos que a gente tem de agora. Hoje em dia o risco é grande e isso interfere pra pior na tradição”. O terno São José é uma tradição que passa de pai para filho, tendo iniciado com também tropeiro João Machado dos Santos, que o repassou ao seu filho Emídio. Por ocasião do falecimento de Emídio, o filho Milton Machado dos Santos ficou encarregado da manutenção até ficar impossibilitado e repassar o comando ao irmão Manoelito, atual mestre em exercício, que espera passar ao seu filho.

Um outro exemplo com origem tropeira é o Terno Divino Espírito Santo, do mestre Edmilson Lima Moreira. Residente no Povoado do Lajedinho/Cabeceira da Jiboia, apelido Noca

do Espírito Santo, este mestre é filho do tropeiro Eulálio Rodrigues de Lima. Segundo depoimento do filho, Eulálio possuía uma tropa de 12 burros e fazia a rota Vitória da Conquista a Jequié, conduzindo cargas de açúcar, sal, rapadura e querosene. A partir de 1962, a tropa ficou trabalhando apenas na região de Conquista nas rotas de Iguá, Jurema, Lagoa de João Ceciano, Marimbondo, Campo Formoso e Lagoa de Zé Luís. O terno foi iniciado pelo pai como pagamento de uma promessa feita ao Divino Espírito Santo quando Edmilson ainda nem havia nascido. Com o falecimento do pai, o filho segue a tradição em pagamento à graça alcançada. “Hoje o mundo tá muito diferente, o povo ficou muito evangélico, diminuiu as apresentações nas casas, não querem receber a gente”.

Outros depoentes reiteraram que no percurso de visitação, mesmo nos bairros onde residem, enfrentam as limitações impostas pela conversão protestante. Contudo, ainda   possível encontrar quem trate com relevância e respeito a passagem da folia, preservando a manutenção da tradição de receber os ternos com alegria oferecendo em retribuição agrados, alimentos e bebidas, o que não ocorre no espaço de visibilidade promovido pelo evento da prefeitura.

Traços culturais e disputas simbólicas no Natal da Cidade

Fen menos como Tropeirismo e Terno de Reis, a partir das diferenças apresentadas em relação aos valores das camadas dominantes, são frequentemente interpretados como decorrentes de arcaísmos, sobrevivências de um passado longínquo, no caso do Tropeirismo, ou de ignorância e baixa escolaridade, no caso dos Ternos de Reis. E, não raramente, seus agentes, reiseiros, devotos e descendentes, herdeiros de antepassados que foram escravizados, são desqualificados na disputa pelo espaço sociocultural, muitas vezes, tratados preconceituosamente como pessoas pouco inteligentes, incapazes de estabelecer crítica sobre as fluídas relações presentes nas formas simbólicas de conflito motivadas por fronteiras sociais.

A este respeito   ilustrativo o fato ocorrido entre o Terno Santo Rei dos Reis, proveniente do povoado do Pradoso, sendo compelido a encerrar sua apresentação oficial no palco principal do evento *Natal da Cidade*. Preterido pela organização em detrimento do ensaio de um grupo coral de uma igreja evangélica, depois de constrangidos os reiseiros tiveram os microfones cortados e foram apressados pelos apoiadores de palco a desocupar o

espaço, sob comentários indignados de parte da plateia e dos olhares de evidente contrariedade e pressa dos coralistas. A mestrina D. Fidelcina Santos Souza, preterida em seu direito, inconformada com a súbita retirada, decide fazer o encerramento da apresentação no chão, em frente ao palco, e mais uma vez, são impossibilitados de continuar tocando, causando um desabafo de protesto: “Dói, porque eu queria minha bandeira (levantando-a o mais que pode) bem alto. A gente vem da Zona Rural e não era para passar uma desfeita dessas. Na frente da bandeira de um Terno, só Deus. Mais ninguém”.

Protesto semelhante registra-se na afirmação de mais um mestre, desta feita do Terno Deus Seja Louvado, Dernevaldo Sales que se sente indignado ao se reconhecer na fotografia no banner que servia de fundo e cenário ao palco e nos demais materiais de propaganda e audiovisual veiculado como comunicação oficial utilizado pela prefeitura para divulgação do *Natal de Cidade*:

a prefeitura usa o material, não dá retorno nem crédito. Misturou vários ternos como se fosse um só. Pensa que a gente não percebe o jogo? A gente percebe sim. Mas, eu não comecei por causa da prefeitura. Foi por causa dos meus parentes tropeiros que começaram as *folia*. E enquanto aguentar, a gente segue. Mas eu, e nem ninguém aqui é bobo, se paga os artistas para direito de imagem, deviam pagar a gente também.

É perceptível nas situações expostas que nesta expressão festivo-religiosa envolvendo a visibilidade de coletividades tão díspares, a tomada de posição de representantes institucionais tendia ao favorecimento de um dos grupos. A intolerância institucional e as limitações a que foram submetidos, podados em seus direitos fundamentais da expressão de sua arte, religiosidade e valores, são reminiscências dos antigos códigos sociais em que se fundamentam e que se mantém nesta sociedade. Ou seja, são demonstrações factíveis em ações ou omissões de uma concepção de mundo, onde os sujeitos historicamente explorados, mestiços e descendentes de grupos sub-representados ou marginalizados, estejam sempre sob estado perene de sujeição, manifesta de forma pacífica e bem conformada. Apesar disso, vivendo sem muita estrutura e poucos apoios, se dá com os ternos o que acontece com outros grupos de cultura popular, pois “muitos eventos e festividades ainda sobrevivem porque alguns heróis voluntariamente se apegam a um gosto ou razão de preservar o patrimônio cultural de nossa gente do interior” (ALVES; OLIVEIRA, 2012, p. 66).

Considerações finais

Muito embora, todas as considerações levantadas pela pesquisa não caibam no limitado espaço de um artigo, o recorte apresentado nesta comunicação, nos autoriza considerar que há extensa periodicidade dos fenômenos Terno de Reis e Tropeirismo no âmbito da história local e no espaço de espetacularização das culturas populares promovida pela prefeitura no evento *Natal da Cidade*, cuja ambientação se configura como espaço de conflito entre expressões culturais fundamentadas em tradições diferenciadas de sociabilidade e práticas religiosas.

As tradições herdadas do catolicismo e das práticas de antigos tropeiros constituem atrações consideradas dentro do calendário de apresentações no palco da festa. Contudo, são notados reduzidos espaços de representatividade se tencionadas comparações de legitimidade entre os grupos reiseiros se em rotas de conflito com outras expressões culturais. Principalmente, se oriundas de outras vertentes religiosas, conforme observado por esta pesquisa. A metodologia utilizada para execução da pesquisa permitiu concluir a existência de um desigual vetor na relação das forças em conflito entre as atrações com significativo demérito aos reiseiros em razão da representação social dos agentes envolvidos.

O evento *Natal da Cidade* compreende um espaço midiático de espetacularização que possibilita na contemporaneidade ressignificações através de variados canais de comunicação massiva e desta forma, promove a difusão retroalimentada de um complexo sistema de memória e identidade. Sistema que por sua vez, potencializa oportunidade de desenvolvimento econômico a ser explorado como produto Folkmediático e como elemento constituinte de grande visibilidade na cadeia de expansão do turismo para o município. Entretanto, sob apropriações culturais consideradas pelos agentes reiseiros participantes da pesquisa, como indevidas ou de pouco retorno.

O regime escravista, como fez em todo o Brasil, demarcou a ferros quentes profundas cicatrizes na visibilidade e na invisibilidade da cultura popular marginalizando indivíduos e grupos. Nesse aspecto, não é exagero considerar que dentro do campo das lutas simbólicas, por constituir-se um capital cultural de resistência e de manutenção de encontros e manifestações folkcomunicacionais, as apresentações natalinas dos Ternos de Reis no principal palco da festa natalina contribuem para a mitificação positiva de antigos habitantes

de Vitória da Conquista, mas ainda há muito a conquistar em respeito à igualdade, liberdade de crença e valorização cultural.

Referências bibliográficas

AGUIAR, Itamar Pereira. As Religiões afro-brasileiras em Vitória da Conquista: Caminhos da diversidade. **Dissertação**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1999.

_____. Do Púlpito ao Baquiço: Religião e laços familiares na trama da ocupação do Sertão da Ressaca. **Tese**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007.

ALVES, L. A.; OLIVEIRA, S. C. **Linguajar Tropeiro**. Ed 1ª, Porto Alegre: Evangraf, 2012.

BELTRÃO, Luiz. **Comunicação e folclore**: Um estudo dos agentes e dos meios populares de informação e expressão de ideias. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

_____. **Folkcomunicação**: A comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

BRAGA, Henriqueta Fernandes. **Música Sacra Evangélica no Brasil**. Livraria Kosmos editora: Rio de Janeiro, 1961.

HOORNAERT, Eduardo. **Formação do catolicismo brasileiro**: 1550-1800. Petrópolis: Vozes, 1974.

MEDEIROS, Ruy Hermann. **Um traço cultural muito importante**: Terno de Reis em Conquista. Vitória da Conquista, 29 de novembro de 1977- Jornal O Fifó – v.5

MELO, José Marques de. **Mídia e cultura popular**: História, taxonomia e metodologia da Folkcomunicação. São Paulo: Paulus, 2008.

MORAIS FILHO, Melo. **Festas e Tradições Populares do Brasil**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002.

SCHIAVO NOVAES, M. S. A importância do Tropeirismo para a gênese de uma racionalidade comercial em Vitória da Conquista- BA. **Pós-graduação**. Vitória da Conquista. Museu Pedagógico/ UESB. 2006.

_____; MORENO ROCHA, S. **Tudo segue o tempo**: Relatos de memória, poesia e tropeirismo no Sudoeste da Bahia. In: COLÓQUIO DE HISTÓRIA E ARTE. Recife: EDUFPE, 2011.

TANAJURA, M. **História de Conquista**: Crônica de uma cidade. Vitória da Conquista: Brasil Artes Gráficas, 1992.

TRIGUEIRO, Oswaldo Meira. **A espetacularização das culturas populares ou produtos culturais folkmediáticos**. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/trigueiro-osvaldo-espetacularizacao-culturas-populares.pdf>. Acesso em 27 fev. 2019.